

Substância Sensível e o Livro Lambda da METAFÍSICA DE ARISTÓTELES

1 INTRODUÇÃO

O principal candidato ao cargo de substância na *Metafísica* de Aristóteles são os indivíduos do mundo sensível: os seres naturais compostos de matéria e forma. Esses seres se distinguem por possuírem um princípio interno de movimento e repouso. A esse princípio refere-se o termo “natureza” que, por sua vez, é concebido como a forma. Dessa maneira, o movimento das substâncias sensíveis pode ser explicado por um modelo teleológico no qual o ser se move em direção à atualização de sua forma. No livro Lambda da *Metafísica*, contudo, Aristóteles postula a existência de uma substância imutável, que configurará uma causa de movimento externa às substâncias sensíveis.

Não é de todo claro, no entanto, como uma substância imóvel exerce sua causalidade no mundo sublunar ao lado do princípio interno responsável pelo movimento de substâncias compostas. Ross afirma em seu comentário ao Livro Lambda da *Metafísica* que, se de um lado é ponto pacífico o fato de que o Primeiro Motor Imóvel é causa final de todo movimento, é controverso se este atua como causa eficiente no mundo sublunar. Esclarecer a relevância de cada uma dessas causalidades para a explicação dos fenômenos naturais e de que modo a substância imutável interfere no mundo sensível é fundamental para compreender o estudo do livro Lambda como complemento do estudo da substância sensível.

2 LIVRO LAMBDA

No livro Lambda Aristóteles apresenta uma concepção segundo a qual o universo é composto por um conjunto de esferas concêntricas, cada uma transferindo seu movimento para as esferas mais internas. A esfera mais externa, a das estrelas fixas, é movida pelo Primeiro Motor Imóvel, de maneira que seu movimento perpassa até as esferas mais baixas.

Aristóteles se esforça para mostrar que é o movimento das esferas (causado, em última análise, pelo Primeiro Motor) que pode explicar toda a mudança no mundo sublunar (*Meteor.* 339a 21-32). Os Planetas e principalmente o Sol (*Meteor.* 341a 19, 346b 20, 354b 26, *De Gen. et Corr.* 336^a15-b9) ao se aproximarem e se afastarem da terra produzem calor transformando um elemento em outro, já que calor e frio são as duas qualidades mais importante das quatro que caracterizam os elementos (*Meteor.* 378b 10-20). Não fosse essa constante mudança os elementos tenderiam para sua região própria e lá permaneceriam (*De Gen. et Corr.* 337a 7-15).

Em *De Gen. et Corr.* 336b25-337a8, Aristóteles afirma que o movimento dos elementos básicos (Terra, Fogo, Ar e Água), que devido a influência do Sol movem-se continuamente, imita o movimento contínuo das Esferas. Nesse sentido, o Primeiro Motor, como causa final do movimento das esferas, poderia ser causa final do movimento sublunar.

3 FÍSICA II - MODOS DE CAUSALIDADE

Em Física II Aristóteles argumenta contra seu adversário materialista em favor da concepção da natureza como uma causalidade teleológica. Em II.4-6 ele apresenta o que chama de acaso ou espontâneo, o modo de causalidade que seu adversário defenderia. Algo é por acaso ou por espontâneo quando vem a ser com vista a algo por acidente (196b21-30). O exemplo de Aristóteles esclarece a questão: alguém vai à praça por uma razão qualquer e, por concomitância, encontra um devedor e recobra um empréstimo (196b33-197a4). O pagamento da dívida é por acaso, pois é causa final apenas por acidente da ida à praça.

As condições para dizer que “x produz y por acaso” são:

- (a) não há conexão causal necessária entre x e y (y não se produz sempre ou no mais das vezes em que x é dado);
- (b) y é um fim possível da ação x;
- (c) y não foi a causa final em razão de que x se deu, isto é, y se deu por acidente.

E o esquema geral da causalidade por acaso pode ser resumido da seguinte maneira: **A** não é orientado em vista de **B**, mas produz **B** por acidente.

O movimento do Sol (**A**) tem como fim a vida perfeita do Motor Imóvel (**C**), de maneira que **A** não é orientado em vista da perpetuação do mundo sublunar (**B**), muito embora produza **B** por concomitância. O único critério que pareceria apontar em um sentido diferente é (a): de fato parece que a perpetuação do mundo sublunar é um evento regular e não parece proceder por espontâneo. Mas este não é o caso. O espontâneo nesse caso está no fato de o movimento do Sol e o perpetuamento do mundo sublunar não possuírem ligação necessária: o contínuo vir a ser e perecer deve-se às mudanças de temperatura produzidas pelo Sol e isso é mero acidente do movimento solar. A perpetuação do mundo sublunar é causa final do movimento do Sol apenas por concomitância, como o pagamento da dívida era causa final da ida até a praça apenas por concomitância.

4 CONCLUSÃO

Se a perpetuação dos movimentos dos elementos básicos são fruto de uma causalidade espontânea, eles não possuem uma causa final sem mais. Caso não se possa mostrar então que o movimento de perpetuação da espécie tem por causa final a imitação da vida divina (conforme Aristóteles parece afirmar em *De Gen. et Corr.* 336b30-35), ou que existe alguma espécie de ordem cósmica que tem o Primeiro Motor como fim, deve-se assumir que este não atua no mundo sublunar como causa final sem mais, devendo ser considerado causa final deste apenas por concomitância.